

# Solidão

## O drama vivido por órfãos de pais vivos

A solidão da infância é um problema mundial. Nos países desenvolvidos ela ocorre em famílias, cujos pais trabalham fora do dia todo e que, sem alternativas, desleixam da supervisão de seus filhos. O mesmo ocorre com mães divorciadas, obrigadas a trabalhar para sustentar a lar.

O problema torna-se especialmente sério no horário pós-escolar. Estatísticas mostram que são milhares os menores que passam a tarde sozinhos, geralmente acompanhados pela televisão, envolvidos em profunda melancolia.

Em países como o Brasil, de profundos contrastes sociais, este problema assume uma conotação mais drástica: o abandono efetivo ou falta quase total de supervisão ocorre nas camadas mais carentes da população.

Se o problema da classe média é amenizado pelos serviços prestados pelas domésticas, que acolhem e amparam os filhos de seus patrões nos horários extra-escolares, resta saber quais são as alternativas existentes para evitar que sua própria prole não caia na marginalidade pura e simples?

Esta preocupação realizada em todo mundo pelos correspondentes estrangeiros do Christian Science Monitor, exclusiva do Correio do Povo, mostra as soluções e os programas alternativos que estão sendo tentados para proteger a infância.

O Brasil, nesse sentido, já pode prestar sua colaboração: os lares vicinais existentes nas vilas da Grande Porto Alegre atendem hoje a 1002 crianças e provaram ser uma alternativa eficiente e barata para prevenir o abandono e apoiar o menor carente do país.

mento à infância são colocadas à disposição do público.

**Educação dos Pais** — Trata-se aqui de uma assistência indireta às famílias através da educação dos pais. Os seminários que reúnem os pais no local de trabalho procuram discutir problemas familiares, inclusive o atendimento aos filhos.

**Benefícios** — Muitas firmas começam a oferecer planos de seguro, de férias e de lazer para a família. Mas a novidade são os programas compensatórios flexíveis. Os empregados recebem créditos com os quais podem utilizar para aposentadoria, assistência médica, férias etc. Uma mãe que considera estar junto do filho mais importante que a aposentadoria, pode adotá-la um pouco e aproveitar os créditos para obter tempo e supervisionar o lazer do filho.

**Subsídio** — Um empregador ou sindicato podem subsidiar o custo da supervisão de uma creche ou instituição semelhante.

**Flexibilidade no horário de trabalho** — Este sistema originou-se na Alemanha, na metade da década de 50, e espalhou-se pela Europa, Japão e Canadá. Nos Estados Unidos cerca de 3,5 milhões de pessoas trabalham hoje nesse sistema.

O tipo mais flexível inclui um plano no qual os trabalhadores podem entrar e sair em determinadas horas, tanto no início como no fim da jornada. Todos os empregados devem estar no local de trabalho um certo número de horas previsto pela empresa.

Outro sistema é permitir que os empregados utilizem um número pré-determinado de horas por semana para assistir aos filhos. O próprio empregado é que escolhe o momento adequado para isso. O horário de uma semana pode diferir do horário da semana seguinte. Um terceiro sistema não faz referência a horas trabalhadas mas a tarefas.

Os resultados mostram que a flexibilidade de horário aumenta a moral do empregado, reduz o "stress" e a rotatividade de mão-de-obra, permitindo ao pessoal responder às necessidades familiares.

**Trabalho caseiro** — Muitas empresas contratam serviços de particulares. Cada parcela do processo industrial é realizado por um grupo de funcionários que não deixam o lar.



Pais verificam atendimento aos filhos

de dramatização, música, canto, ciência, pintura, trabalhos de argila?

— O que é servido nas refeições e lanches? É nutritivo?

— O preço e as atividades estão explicadas com clareza?

— Quais são as medidas de urgência e segurança disponíveis?

— Qual é a qualificação da pessoa ou pessoas nas funções de direção?

— Os pais e a equipe de funcionários têm oportunidades em reuniões de trabalho, palestras individuais, de trocar idéias e impressões?

— As crianças são encorajadas a se sentir seguras? Têm noções dos direitos dos outros?

— Este é o lugar certo para meu filho?

## Brasil Mães vicinais são um sucesso

A sorte do filho da classe média brasileira pode ser medida pelo número de avós e empregadas que o acolhem no seu horário extra-escolar.

Isso não significa que não exista sentimento de solidão ou abandono de crianças saudosas de pais que trabalham o dia inteiro. Existe, e muito. Mas existe a instituição da empregada, que funciona como mãe-substituta, ou do avô aposentado, que

reassume a paternidade encarando-a como se fosse uma herança às avessas, um legado de filho para pai.

O problema nacional está em como amparar o filho da doméstica, geralmente mãe de uma família mais velha — igualmente criança, o que caracteriza situação de abandono efetivo.

Chega-se assim à raiz do drama brasileiro, como amparar a família das camadas menos favorecidas, como evitar o abandono da infância, como evitar a marginalidade juvenil?

Responder a tais questões significa responder aos problemas sociais e econômicos mais amplos do país. Isso não quer dizer que não existam muitas respostas, programas alternativos de apoio à família e à infância carente.

### EM PORTO ALEGRE

Assim como a empregada é um produto eminentemente nacional, consumido pela classe média, a mãe vicinal já provou ser pelo menos um remédio brasileiro para o drama da infância desprotegida das vilas carentes do país.

A idéia é a mesma: a mãe classe média sai para o trabalho mas deixa seu lugar ocupado por uma mãe profissional, misto de carinho e salário; a mãe profissional para ganhar o pão de sua prole, deixa seus quatro, cinco, seis filhos sob comando de uma vizinha — a mãe vicinal — misto de professora, atendente, mãe, enfermeira e remuneradora.

Na Grande Porto Alegre as mães vicinais atuam nas vilas pobres, atendendo aos filhos das amigas de



Porto Alegre: mãe vicinal

que sobra das creches, ou que não consegue chegar até lá por falta de dinheiro para o transporte. Esta é a sua força: atua do lado da casa da criança, no seu próprio ambiente.

São muitas? Não, não são. Somente 150 atendendo a 1002 crianças na região metropolitana da Capital. É pouco quando já se conhece depois de dois anos e meio de experiência seus resultados positivos na prevenção da marginalização. E a custos muito baixos, como ressaltam os funcionários da Febem.

É pouco quando estes números são confrontados com o milhão de crianças, filhos de 400 mil famílias em estado de carência no Estado; é pouco quando este número é comparado aos 1350 internados nas instituições da Febem, com custos imensamente superiores.

É pouco, mas é, pelos resultados que apresentou, um remédio nacional, cuja eficiência foi comprovada na prática.

Afinal, a mãe vicinal tem interesse em se empregar como tal: após as vizinhas recebe 1.500 cruzeiros por criança, recebe um rancho mensal do Instituto Nacional de Alimentos (que inclui leite em pó, feijão, farinha e massa); e torna-se previdenciária graças ao pagamento que a Febem lhe faz como autônoma. Ela conta ainda com o apoio de estagiárias que a visitam para auxiliá-la a resolver os problemas mais graves.

É a empregada doméstica — mãe vicinal da classe média — pode ir trabalhar sossegada, já que na maior parte dos casos, segundo depoimento das assistentes sociais encarregadas da realização do programa "que começa a ser interiorizado", a figura masculina dessas famílias está ausente. "Existem companheiros periódicos e a mãe é responsável pelo sustento das crianças".

### PREVENÇÃO

A mãe vicinal provou ser eficiente para a faixa do zero aos seis anos em que atua. Resta questionar quais os programas que podem amenizar o problema da ocupação das demais faixas nos horários extra-escolares.

O problema não é novo e os 51 Centros de Bem-Estar do Menor (Cebem) assim como os Programas de Assistência ao Menor (PAM) tentam resolver o dilema. "Estes programas atingem 48 mil menores", diz o porta-voz da Febem.

Ambos utilizam os recursos das comunidades, financiando o lazer extra-escolar das categorias mais carentes da sociedade. Dá alimentação, atendimento médico e ocupação.

Evita-se assim que a clientela delinqüente — hoje restrita a 140 internados no Instituto Central de Menores — aumente.

Tais iniciativas não possuem o dom messiânico de resolver em definitivo o problema da carência infantil, do abandono, da destruturação familiar. Tem a noção exata da suas limitações — prevenir e evitar que as coisas piores.

O que, para o Brasil, já é um grande coisa.

Quanto aos demais tipos de carência afetiva, menos básica que a própria subsistência física, elas se enquadram no dilema existencial dos países mais desenvolvidos.

Se a utopia ensina que o ideal para as classes menos favorecidas seria uma escala que reconheça e se adapte às condições de pobreza da imensa maioria do povo, apoiando o menor da manhã à noite, alimentando-o, planejando seu lazer, ocupando-o, profissionalizando-o, amparando-o enquanto seus pais lutam pela vida, para a classe média o sonho seria arrefecer o hedonismo e ego-centrismo de seu estilo de vida, abrindo espaço para que as mães verdadeiras ocupem-se mais de seus filhos.

O mérito das mães vicinais já foi revelado: resta aguardar que o programa se expanda o que, complementado com creches formais e programas alternativos (como a instituição do albergue para menores carentes que não desejam abandonar as ruas e que fogem das instituições com deformação irreversível de caráter), possa amenizar o quadro melancólico da infância sem futuro.

## Estados Unidos Crianças com a chave no pescoco

Para Angie, uma menina de oito anos, o dia é longo, solitário, e as vezes assustador. Ela vive num apartamento nova-iorquino com sua mãe, uma mulher divorciada que trabalha o dia inteiro.

A mãe é uma pessoa preocupada com a filha, que chega em casa e não encontra ninguém. Ela lhe deixa recados escritos. Diz para Angie fazer os temas escolares, arrumar esta ou aquela peça da casa e às vezes começar a preparar o jantar. Durante a tarde ela liga várias vezes para verificar se está tudo bem, se as recomendações estão sendo respeitadas ou para dizer simplesmente: "Eu te amo".

Recentemente Angie teve a impressão de que um homem a seguia no trajeto para casa. Ela entrou em pânico e começou a correr. Conseguiu chegar ao apartamento, quase sem ar para respirar, e trancou a porta. Correu ao telefone e chamou pela mãe.

relatos jornalísticos que falam em crianças sendo seguidas e molestadas que a mãe de Angie está morta de medo. Ela orientou sua filha a não falar com estranhos e a ir diretamente para casa. Logo ao chegar, ela deve lhe telefonar para dizer que está tudo bem.

Angie recebeu igualmente orientação de como usar o ferro e como utilizar outros aparelhos elétricos. Muitos incêndios são causados por crianças desatentas, segundo a polícia.

Angie tem uma mãe que gostaria de estar em casa para recebê-la, problemas, suas alegrias. Mas ela não pode porque precisa trabalhar.

### TRANSFORMAÇÃO

A menina e sua mãe são produtos de uma sociedade americana em transformação — que obriga dois milhões de crianças em idade escolar a ficarem sozinhas em suas casas depois das aulas, assim como permanecer isoladas durante as férias e feriados. Isso decorre do fenômeno feriado. Isso decorre do número de trabalho que o número de pais que trabalham está rapidamente ultrapassando o daqueles que permanecem em casa com seus filhos.

Angie é uma criança rotulada pelo termo técnico de latchkey. Sua tradução fiel significa ter o trinco da porta carregado no pescoço. Refere-se ao jovem estudante que retorna das aulas para uma casa vazia. Seu acompanhante mais freqüente, nestes casos, é a televisão. O lazer da rua e as atividades delinqüentes ou pré-delinquentes freqüentemente preenchem o vácuo.

### PROBLEMA ENORME

O problema de todas estas Angies representa hoje um dos enormes desafios à sociedade americana. Cerca de um terço dos 44 milhões de crianças em idade escolar nos Estados Unidos têm mães que trabalham o dia inteiro. Cerca de 13 milhões são vigiadas por parentes ou vizinhos em casas particulares. Cerca de 1,7 milhão integraram-se a algum tipo de instituição destinada ao lazer pré ou pós-horário escolar.

Mas cerca de dois milhões de crianças — os verdadeiros latchkey — são deixados sós para que se alimentem antes e depois do horário escolar, enquanto seus pais não estão em casa.

Cerca de sete por cento das crianças em idade escolar nunca chegam na hora ao colégio.

Estes números, levantados pelo Departamento Estatístico do Comitê de Orçamento do Congresso assim como por estudos do Fundo de Defesa da Infância e outras agências, subestimam a realidade, segundo algumas fontes. Wendy Gray, associada ao Projeto de Amparo à Infância em Idade Escolar, diz que há fortes indicações de que muitas crianças de seis anos de idade ficam sós os "cuidados" dos irmãos de sete e oito anos no horário pós-escolar.

### RELUTANCIA

Evidências mostram que muitos pais relutam em relatar às autoridades que eles deixam seus filhos sem supervisão durante o dia.

No pior dos casos, os latchkey são deixados sem amparo por abuso e simples abandono — o que representa um sério problema social e individual para o futuro. No melhor dos casos, esta criança sofrerá na maturidade graus diversos de sentimento de solidão, preguiça e medo, aflições estas que podem atingir o mais influente lar, quando nenhum dos pais está presente.

A mera presença física de um dos pais, evidentemente, não representa a garantia de atenção e amor. Mas os números do desamparo demonstram que a sociedade americana não se conscientizou ainda da necessidade de alternativas institucionais, para a família que é comandada por um único genitor ou por ambos, nesse caso ocupados a maior parte do dia no trabalho.

Em termos simplesmente quantitativos, o problema está se agravando. Dana Friedman, advogada e especialista em instituições de amparo à infância, diz: "Atualmente a demanda por serviços de amparo à infância excede a oferta. Em 1990, esta disparidade aumentará significativamente, a menos que haja considerável expansão destes serviços. Onze milhões de mulheres entrarão no mercado de trabalho durante a próxima década".

### PERIGOS

Vários especialistas vêm realizando estudos sobre esta infância desprotegida. Joan Bergstrom, professora do Wheelock College, entrevistou pais trabalhadores e seus filhos para determinar como estas crianças se comportam quando não possuem uma supervisão formal no horário pós-escolar.

Para ela, muitas crianças chegam cansadas da escola e pouco dispostas a atividades esportivas ou outras, como trabalhos manuais. Neste caso, o programa de televisão, no qual a criança relaxa, é positiva.

Outros estudiosos apontam para os perigos da falta de supervisão no horário pós-escolar — raptos, acidentes, incêndios e eventos, além da pressão de grupos de jovens delinqüentes. Entre eles está James Garbarino, professor de desenvolvimento humano na Universidade do Estado da Pensilvânia. Recentemente ele escreveu na revista *Vital Issues*: "Os ricos associados às crianças latchkey são de quatro tipos — o de que se sintam mal (isto é, rejeitado e alienado); que se

## Mamãe em meio-expediente

Em modesta e bem cuidada casa em North Oakland, na Califórnia, Vera Silverman, mãe de oito filhos, organizou em sua própria residência uma creche informal. Seu marido é estudante de Direito e duas filhas suas — as mais velhas — ajudam a cuidar de oito clientes — crianças de cinco a nove anos, que ficam sob sua supervisão no horário pós-escolar, até as seis da tarde.

Ela cobra 135 dólares por mês, em média, reduzindo o preço para as famílias com maiores dificuldades financeiras.

A atmosfera é informal. As crianças correm e brincam na casa. Os jogos e brinquedos estão espalhados na sala de lazer. Às vezes elas os leva a museus, a bibliotecas e espetáculos de marionetes.

É assim que funcionam em centenas de locais em várias partes do mundo os lares vicinais — algo semelhante à iniciativa já implementada no Brasil nas vilas populares. São os vizinhos, os residentes da comunidade, mães, avós, solteiros e casados, jovens e velhos, os atendentes dessa clientela. E são eles que recebem nos Estados Unidos metade do total de crianças que buscam supervisão no horário em que seus pais trabalham.

A vantagem desse sistema, segundo observações feitas até aqui, é exatamente sua informalidade, sua capacidade de dar maior afeição à criança e de tornar a atendente uma espécie de "mamãe em meio-expediente".

Nos Estados Unidos, 90 por cento destas famílias não são licenciadas ou regulamentadas, algo que não chega a preocupar as autoridades. A tendência que se observa é o aumento na oferta desse tipo de serviço, o que começa a motivar as autoridades norte-americanas a promover treinamentos e cursos especiais para estes atendentes.

## A empresa pode ajudar

Como as empresas privadas reagem a este dilema familiar de seus funcionários?

Poucas companhias advogam a implantação de creches para crianças em idade escolar. Problemas de segurança, responsabilidade e transporte são alguns dos fatores que tornam a faixa escolar problemática às empresas. Nos Estados Unidos, a Connecticut General restringiu a participação de crianças mais velhas aos programas de férias e feriados. A Fel-Pro restringiu a implementação de programas de amparo. Já a PCA afirma que possui 10 mil dólares por ano na diminuição de rotatividade de funcionários e 30 mil no setor de recrutamento graças a sua creche que abriga 180 crianças em idade pré-escolar.

Das experiências levadas a cabo no setor industrial em todo o mundo no sentido de apoiar a infância em horário pós-escolar pode-se listar as seguintes:

**Informação** — Este serviço procura orientar o trabalhador no sentido de encontrar a vaga e o atendimento específico que ele e seus dependentes necessitam. Em alguns casos, as empresas constroem creches.

## Treze perguntas úteis

Como decidir sobre a instituição que abrigará os filhos após o horário escolar? Pais que trabalham sofrem com essa pergunta. "Não há uma única resposta" — dizem os especialistas. Mas este questionário pode servir como base para uma solução do problema.

— Este lugar me parece confortável? As crianças parecem estar relaxadas, envolvidas? Estão se divertindo?

— Os adultos tratam as crianças com respeito? Como enfrentam o mau comportamento? Como a criança se relaciona com a outra?

— O ambiente é agradável? Atrativo? Convidativo? Limpo? Os móveis, utensílios e equipamentos existentes são suficientes? Estão em boas condições?

— As crianças têm atividades livres, atividades que podem escolher espontaneamente?